



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

A cultura da vitimização ou de como culpar os outros pelos seus fracassos

La culture de la victime, ou, à propos de culpabiliser les autres de nos propres erreurs

The victimization culture, or, on how to blame other people for our mistakes

Bruno dos Santos Farnetano

Orcid: [0000-0001-6444-2201](https://orcid.org/0000-0001-6444-2201)

Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Mestrado Profissional em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Viçosa / UFV (Viçosa, Brasil)
Professor de Clínica Médica da Universidade Federal de Viçosa e da Faculdade de Medicina do Centro
Universitário Governador Ozanam Coelho (Viçosa, Brasil; Ubá, Brasil)
Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro,
Brasil) E-mail: brunofarnetano@yahoo.com.br

Maria Cristina da Cunha Antunes

Orcid: [0000-0001-6376-9819](https://orcid.org/0000-0001-6376-9819)

Psicanalista (Brasil)
Membro do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana/ ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Email: mariacristinadacunhaantunes@gmail.com

Resenha do livro:

Giglioli, D. (2016). *A Crítica da Vítima*. Belo Horizonte: Ayine Editora.

A vítima é o herói do nosso tempo. Ser vítima confere prestígio, exige atenção, promove reconhecimento. Atua como um potente gerador de identidade, direito e autoestima. Imuniza contra qualquer crítica e garante inocência para além de qualquer dúvida razoável. Como poderia uma vítima ser culpada, ou melhor, responsável por algo? Não fez, foi feito a ela. Não age, padece. Na vítima articulam-se ausência e reivindicação, fragilidade e pretensão, desejo de ter e desejo de ser. Não somos o que fazemos, mas o que sofremos, o que podemos perder, aquilo do qual nos privaram (Giglioli, 2016, p. 19).

Essas são as primeiras palavras do livro *Crítica da Vítima*, de Daniele Giglioli (2016), que constitui uma espécie de brevíário da vítima.

O objetivo da crítica de Giglioli não são as vítimas reais que, obviamente, existem. Há pessoas que cometem crimes e injustiças, e há pessoas que sofrem prejuízos por isso. Portanto, de maneira alguma, a descrição da cultura do vitimismo implica em uma generalização que nega a existência de crimes. Falar sobre o vitimismo como uma ideologia ou uma representação social sinônima de um sentimento generalizado de opressão social não significa negar a existência de vítimas de agressões, golpes, crimes contra a vida, o patrimônio e a liberdade, com base no exercício da violência. O que o autor nos apresenta, neste livro, é a transformação do imaginário da vítima em *instrumentum regni* do laço social contemporâneo. Portanto, a crítica da vítima diz respeito à ideologia, à mentalidade vitimária que parasita os indivíduos hoje em dia, independentemente de terem sido atingidos por acontecimentos

traumáticos.

Na contemporaneidade, há um deslocamento: antes, a vítima era alguém atingido por um acontecimento, hoje a vítima é um valor, uma identidade. A vítima e seu corolário de sentimentos – ressentimento, inveja, medo – vive concentrada no passado. Giglioli (2016) concorda com Lasch (1983) que afirma que “consideramo-nos, todos, ao mesmo tempo, como se fossemos sobreviventes e vítimas, ou vítimas potenciais...” (Lasch, 1983, como citado em Giglioli, 2016, p. 14).

Giglioli traça as duas principais características fundamentais na posição de vítima: a inocência e a isenção de responsabilidade. O que está em jogo neste postulado? Trata-se do problema do mal. Freud, em *Mal-estar na civilização* (1930[1929]/1996), aborda a capacidade do homem fazer mal a si próprio e ao outro. Servindo-se de vários enunciados, que podemos considerar como axiomas, Giglioli (2016) discorre como se constroem, nos dias de hoje, as narrativas e as práticas sobre o mal, ou seja, sobre o gozo. Os principais axiomas são: “você me obrigaram” (a vergonha e o orgulho), “Alice não sabe” (inocência), “ele começou”, “por que nos odeiam?”, “queremos tudo”.

Nesta resenha, não podemos nos deter em cada um deles. O importante a ressaltar é que boa parte destes enunciados se apresenta na voz passiva (eles nos obrigaram, ele começou etc). Na língua, a voz passiva indica que o sujeito é objeto da ação e não o agente. De modo implícito, nesses enunciados, a ação dos sujeitos aparece como uma resposta a uma ação primeira que os vitimou. Desse modo, eles seriam inocentes e não responsáveis por suas ações entendidas como uma defesa, uma resposta a um Outro mau, agressor. Giglioli (2016) recupera um bom exemplo dessa condição servindo-se de uma frase (verdadeira ou apócrifa) atribuída à Goda Meir: “O árabes, talvez um dia, possamos perdoá-los por terem assassinados nossos filhos, mas não perdoaremos jamais por terem nos obrigado a assassinar os seus” (Giglioli, 2016, p. 70). O autor comenta a lógica dessa frase: quem fala assim exclui a possibilidade de que um dia talvez seja ele a ter que pedir perdão, como acontece a todos. Não faz parte da causa (Giglioli, 2016, p. 70). O argumento é claro: não fazemos parte da causa do mal. As verdadeiras vítimas somos nós e, se matamos os seus filhos, os responsáveis são você que nos obrigaram a isso.

Um outro axioma apresentado por Giglioli é o “queremos tudo” (2016, p. 62). Este imperativo estabelece articulação entre vítimas e direitos. Neste axioma, o autor comenta os imperativos superegoicos da sociedade de consumo sobre os sujeitos: “tua felicidade é aqui e agora, toda e de uma vez, sem obstáculos externos. O mundo está à tua disposição, não te submetas à lei do Outro (...) é teu direito, e se te negam, tu és uma vítima” (Giglioli, 2016, p. 62). A promessa da sociedade de consumo é que se pode ter tudo o que se quiser. E mais, isso é um direito. Se isso não ocorre, a insatisfação e o ódio se instalam no laço social. E quem é o culpado por tamanha maldade? Configura-se, aqui, o laço indissociável entre a vítima e o Outro mau. As consequências, no laço social, desse processo são conhecidas. Impossibilidade de diálogo, de dialética entre argumentos bons e ruins, ausência de um juízo crítico sobre suas próprias posições e as dos outros. E, mais ainda, a impossibilidade de construir um juízo crítico sobre os fatos da realidade.

Até bem pouco tempo, na adolescência de meninos, por exemplo, era muito clara a jornada do herói. A trajetória de alguém que era imaturo, que desejava algo, que inicialmente negava a grandeza, depois enfrentava situações reais e concretas onde não se saía muito bem, aprendia com os erros, fortalecia-se, redirecionava a sua vida, aspirava a algo grandioso e alcançava esse objetivo. Era essa a narrativa. O que Danielle Giglioli (2016) critica é a pessoa que, diante de circunstâncias eventualmente desfavoráveis, se coloca na posição de vítima e não faz nada para sair dela. Ou a pessoa que permanece nessa posição mesmo quando não é possível discernir claramente que prejuízo a acometeu. Nestes casos, na dúvida, tendemos a acreditar na pessoa que alega ser uma vítima. Tomar uma posição contrária a alguém que se coloca na posição de vítima é extremamente arriscado nos dias de hoje. Uma pessoa pode ter sua reputação completamente arruinada se faz oposição à presunção de inocência de alguém que reivindica ser tratada como vítima, diante de um tribunal da verdade composto por influenciadores em redes sociais. A suposta vítima fala, acusa e não permite a análise real das nuances de cada caso. Este dispositivo vitimário é acompanhado pela força da palavra, sem mediação direta, e não exige verificação externa.

Diante de uma vítima real, sabemos imediatamente o que sentir e pensar. Isso é óbvio, não é mesmo? Quando nos deparamos com um crime, racismo, violência física, assassinato ou estupro – situações em que a vítima e o agressor são evidentes –, sabemos como reagir emocionalmente. No entanto, esse *status*, esse dispositivo, é apropriado indevidamente pelo vitimismo. O vitimismo torna confusa a relação entre quem se considera vítima e o suposto agressor, mas se apropria do sentimento despertado e prospera com isso, transformando o que seria uma desvantagem – ser vítima - em vantagem. As pessoas imersas no vitimismo servem-se de uma característica ou qualidade desfavorável em si mesmas e, em vez de lutar contra isso ou tentar melhorar, tentam transformá-la em uma vantagem.

Em uma situação em que há uma desvantagem, essa desvantagem é interpretada por meio do dispositivo vitimário, e então um culpado é eleito. Por exemplo, até recentemente um estudante na faculdade de Medicina, experimentava ao abrir um atlas de anatomia e para memorizar todos os acidentes anatômicos do crânio; pensava: "Não vou aprender isso. Tem muitos nomes". O sujeito experimenta uma desvantagem. Talvez ele não tenha uma memória muito boa. Pode ser uma grande dificuldade naquele momento. Ter que esforçar-se, sentar-se em um domingo ensolarado e estudar para memorizar aquilo envolve um sacrifício. Se ele é bem sucedido haverá uma desvantagem entre ele e alguém que ainda não passou por isso. Alguém já fez aquilo, alguém já passou por aquilo, alguém já estudou aquilo, alguém já é legitimado naquela posição de quem domina este conhecimento, torna-se professor e ensina. E esse professor irá cobrar do aluno que ele também obtenha esse conhecimento em uma prova. O professor não precisará mais ficar sentado juntamente a seu aluno no tal domingo ensolarado. Há uma diferença, uma assimetria entre o aluno e esse ex-aluno que alcançou o status de professor.

Se essa assimetria é inserida no dispositivo vitimário, pronto! Criou-se um algoz. Isso acontece

quando a sensação despertada por uma situação em que há uma vítima real – ou seja, um crime que ocorreu, como citamos acima – e transfere-se essa sensação para onde não há um agressor, apenas uma assimetria entre pessoas ou entre um aluno e uma instituição. Fica evidente que haverá cobrança neste ambiente – a faculdade de Medicina - tão esperada por jovens calouros. Agora, quando o dispositivo vitimário entra em ação, o estudante coloca a sua dor como ponto central do argumento e transforma todos em algozes. Algumas pessoas fazem isso conscientemente, mas a maioria nem se dá conta do que está fazendo. No entanto, uma parte está envolvida pelo vitimismo. E, então, começa a aplicar essa regra – a do dispositivo vitimário - a outras sensações que surgem na faculdade, e começam a sentir que merecem compensação. O vitimista começa a achar que “aquilo que ele não tem ainda”, foi tirado dele, ou “não foi dado a ele”, “mesmo sendo dele por direito”. A pessoa que não deu é injusta, e ele é uma vítima. O vitimista é um líder que busca justiça.

Tais líderes falam em nome dos outros e outorgam-se a si mesmos, muitas vezes, a coragem para denunciar. Falam em nome dos outros, como se fossem os únicos a lutar contra uma situação de opressão, que na verdade não existe. Quebra-se a hierarquia através da ameaça de denúncia. A denúncia que será feita em nome de uma massa anônima que, se verificada, muitas vezes nem corresponde a tanta gente assim.

Estamos em um cenário contemporâneo onde a noção de hierarquia foi criminalizada. A questão de um ter e o outro não ter, ou seja, um professor ter conhecimento e posição, enquanto o aluno não vem sendo substituída por um cenário onde o aluno se acredita numa posição de igualdade de direito, onde não há igual de fato. E qualquer sensação de que o que ele deseja não será atendido é interpretada na perspectiva do vitimismo. Muitos professores não estão sabendo como reagir a este fenômeno.

Ainda que a explanação acima sirva-se de algumas generalizações, tais generalizações mantêm contato com o que realmente vemos, hoje, no ambiente de ensino superior. A perda da noção de hierarquia, a busca por culpados pelos próprios fracassos e a formação de bolhas que cortam cabeças e impedem o amadurecimento individual, parecem ser elementos culturais atuais e que precisam ser melhor descritos e estudados por quem se interessa verdadeiramente pelo campo da educação ou em qualquer outra atividade que se pretenda civilizatória.

Referências Bibliográficas

- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 27-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana na era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.

Citação/Citation: Farnetano, B. dos S., & Antunes, M. C. da C. (mai. 2023 a out. 2023). A cultura da vitimização ou de como culpar os outros pelos seus fracassos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(36), 169-173. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2023v18n36p169-173.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 01/09/2023 / 09/01/2023.

Aceito/ Accepted: 27/09/2023 / 09/27/2023.

Copyright: © 2023. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.